

5. "Eu Não Sou o Cristo": O Testemunho Definitivo de João Batista e a Revelação do Cordeiro de Deus.

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 07/11/2025 02:53

1. Contexto Bíblico e Histórico do Ministério de João Batista

O ministério de João Batista ocorre em um contexto político e religioso bastante complexo, marcado pela dominação romana sobre a Judeia e pela influência das autoridades religiosas locais. No Evangelho de João, capítulo 1, versículos 19 a 28, é narrado o momento em que sacerdotes e levitas são enviados de Jerusalém para questionar João sobre sua identidade e missão.

Na época, o imperador Tibério César governava o Império Romano, e a Judeia estava sob o governo de Pôncio Pilatos como procurador. Além disso, a região da Galileia era governada por Herodes, enquanto outras áreas como Ituréia e Traconites estavam sob o controle de tetrarcas indicados por Roma. Essa divisão política refletia a fragmentação do poder e a forte presença do domínio romano na região.

No âmbito religioso, o sumo sacerdócio estava nas mãos de Anás e Caifás, que, apesar de serem figuras religiosas, mantinham uma estreita aliança com o poder romano. Anás, que já havia sido sumo sacerdote, continuava influente, e seu genro Caifás assumira o cargo, configurando uma situação atípica em que dois sumos sacerdotes exerciam influência simultaneamente, contrariando a tradição de sucessão hereditária direta.

Essa relação entre poder político e religioso gerava uma situação de simonia, onde o sacerdócio era controlado por interesses políticos e econômicos, especialmente pelo domínio dos saduceus, que controlavam o templo e suas atividades financeiras, como o câmbio de moedas para uso no templo. A moeda romana, o denário, e a moeda grega, a dracma, precisavam ser trocadas pela moeda do templo, o siclo, para que as ofertas fossem aceitas, o que gerava um comércio lucrativo sob o controle dos sacerdotes.

Nesse cenário, João Batista surge como uma voz profética que denuncia essa aliança corrupta e chama o povo ao arrependimento, preparando o caminho para a vinda do Messias. Sua missão é marcada por um chamado à transformação espiritual e social, em contraste com a estrutura de poder vigente.

1. A Interrogação em Jerusalém: "Quem é você?"

No cenário de grande efervescência espiritual e política da Judeia do primeiro século, o surgimento de uma figura como João Batista não passaria despercebido. Seu ministério, realizado no deserto, atraía multidões com um chamado vigoroso ao arrependimento e um batismo simbólico nas águas do rio Jordão. Essa mobilização popular, fora dos centros religiosos tradicionais, inevitavelmente despertou a atenção e a preocupação das autoridades judaicas em Jerusalém, o epicentro da vida religiosa da nação.

É nesse contexto que o Evangelho de João nos apresenta um momento crucial, o início do testemunho público de João. O texto de **João 1:19** relata:

"Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntar: 'Quem é você?'".

A delegação enviada não era composta por cidadãos comuns, mas por sacerdotes e levitas,

representantes diretos do Templo e do Sinédrio, o supremo conselho religioso e judicial judaico. A presença deles conferia um caráter oficial e inquisitório à missão: eles não estavam ali por mera curiosidade, mas para investigar a natureza e a autoridade daquele novo movimento que ganhava força.

A pergunta "Quem é você?" era direta e carregada de implicações. Em uma época de opressão romana e intensa expectativa messiânica, a identidade de um novo líder espiritual era uma questão de máxima importância. Seria ele um profeta? Um reformador social? Um pretendente político? Ou, a mais impactante de todas as possibilidades, seria ele o Messias, o Cristo esperado por séculos para libertar Israel? A resposta de João Batista a essa interrogação não apenas definiria seu próprio papel na história da redenção, mas, fundamentalmente, prepararia o caminho para a revelação daquele que era o verdadeiro centro de todas as profecias.

2. As Negações Fundamentais: "Eu não sou o Cristo, nem Elias, nem o profeta."

Diante da inquirição direta das autoridades de Jerusalém, a resposta de João Batista é imediata, enfática e triplamente negativa. Sua primeira e mais crucial declaração serve para dissipar a principal suspeita que pairava sobre seu ministério. Conforme **João 1:20**, "Ele confessou e não negou; confessou: — Eu não sou o Cristo". A repetição do ato de confessar, sem qualquer negação, sublinha a clareza e a firmeza de sua posição. Ele não era o Messias, o Ungido (em hebraico, *Mashiach*; em grego, *Christos*) que Israel aguardava ansiosamente.

Com a principal questão resolvida, os interrogadores partem para outras possibilidades messiânicas, baseadas em profecias do Antigo Testamento. Eles perguntam: "Você é Elias?". Essa pergunta não era aleatória; baseava-se na profecia de **Malaquias 4:5**, que anunciava que Deus enviaria o profeta Elias "antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor". Havia uma crença popular de que Elias retornaria literalmente para anunciar a chegada do Messias. A resposta de João é, novamente, um suínto "Não sou" (João 1:21).

A terceira hipótese levantada é: "Você é o profeta?". A referência aqui é a uma promessa feita por Moisés em **Deuteronômio 18:15, 18**, onde Deus levantaria um profeta como Moisés do meio do povo. Essa figura era amplamente interpretada como uma identidade messiânica ou, no mínimo, um precursor direto do Messias. Pela terceira vez, João nega: "Não, não sou" (João 1:21).

Aqui surge um ponto de interpretação que merece atenção. Embora João negue ser Elias, o próprio Jesus, mais tarde, afirmaria em Mateus 11:14 que "se o quiserem reconhecer, ele é o Elias que havia de vir". A aparente contradição se resolve ao entendermos a natureza da missão de João. Ele não era Elias reencarnado, mas cumpria o papel profético de Elias, vindo "no espírito e no poder de Elias" (Lucas 1:17) para preparar o caminho. A negativa de João, portanto, é uma recusa do título literal, talvez por humildade ou por não compreender plenamente a dimensão de seu próprio chamado profético naquele momento.

Ao negar ser o Cristo, Elias ou o Profeta, João Batista esvazia-se de qualquer pretensão pessoal. Seu testemunho é construído sobre a clareza de quem ele *não* era, a fim de preparar o caminho, sem qualquer sombra de dúvida, para aquele que verdadeiramente era.

3. A Voz que Clama no Deserto: A Verdadeira Identidade de João

Após as firmes negações de João Batista, os emissários de Jerusalém, ainda sem uma resposta concreta para levar aos seus superiores, insistem: "Diga quem é você, para podermos dar uma resposta àqueles que nos enviaram. O que é que você diz a respeito de si mesmo?" (**João 1:22**). A pressão por uma identificação positiva revela a necessidade das autoridades de categorizar e, consequentemente, controlar o fenômeno que João representava.

A resposta de João é uma das mais profundas e humildes autodefinições de toda a Escritura. Ele não reivindica um título de poder ou status, mas define sua identidade a partir de sua função profética,

recorrendo a uma passagem clássica do Antigo Testamento. Conforme **João 1:23**, ele respondeu: "— Eu sou 'a voz do que clama no deserto: Endireitem o caminho do Senhor', como disse o profeta Isaías."

Ao citar **Isaías 40:3**, João se posiciona como o arauto, o precursor cuja única finalidade é anunciar a chegada de Alguém infinitamente maior. A imagem de "endireitar o caminho" era poderosa e familiar. Na antiguidade, quando um rei visitava uma região, trabalhadores eram enviados à frente para nivelar estradas, remover obstáculos e preparar uma via digna para a passagem da realeza. João aplica essa metáfora ao campo espiritual: os "montes" do orgulho e da autossuficiência religiosa deveriam ser aplaniados, e os "vales" do desespero e do pecado, aterrados. Sua pregação de arrependimento era, portanto, o trabalho de preparação do coração humano para a vinda do Rei dos reis.

Sua identidade não estava em si mesmo, mas em sua missão. Ele não era a Palavra, mas a voz que a anuncia. Ele não era a Luz, mas a testemunha que apontava para ela. Essa definição estabelece seu papel subordinado e, ao mesmo tempo, indispensável no plano divino, servindo como a ponte entre a antiga aliança e a manifestação iminente do Messias.

4. A Autoridade do Batismo e o Anúncio do Messias

A resposta de João Batista, identificando-se como a "voz" profetizada por Isaías, não foi suficiente para satisfazer a delegação. O evangelho especifica que entre os enviados havia fariseus **João 1:24**), um grupo conhecido por sua rigorosa observância da lei e das tradições. Para eles, a prática de um ritual de purificação como o batismo, especialmente um que atraía multidões, exigia uma autoridade clara e reconhecida.

Assim, a investigação prossegue com uma nova pergunta, focada na ação de João: "Então por que você batiza, se não é o Cristo, nem Elias, nem o profeta?" (**João 1:25**). A questão subjacente era: com que autoridade você realiza este rito? Se você não é nenhuma das figuras messiânicas esperadas, quem lhe deu o direito de instituir um novo movimento religioso centrado no batismo?

A resposta de João é, mais uma vez, uma obra-prima de humildade e direcionamento. Ele não defende sua própria autoridade, mas a utiliza para apontar para a autoridade suprema de Cristo. Ele diz: "— Eu batizo com água, mas no meio de vocês está alguém que vocês não conhecem. Ele vem depois de mim, mas não sou digno de desamarrar as correias das suas sandálias" (**João 1:26-27**).

Nessa declaração, João estabelece um contraste fundamental. Seu batismo, com água, era um ato preparatório, um símbolo externo de arrependimento. Era importante, mas limitado em sua eficácia. O verdadeiro batismo, o transformador, seria realizado por aquele que já estava "no meio deles", ainda que não o reconhecessem. A menção de não ser digno nem mesmo de "desamarrar as correias das suas sandálias" era uma expressão de profunda submissão. Desamarrar as sandálias de alguém era uma tarefa reservada ao mais humilde dos servos ou escravos. Com essa imagem, João Batista coloca-se em uma posição de infinita inferioridade em relação ao Messias, enfatizando a grandeza incomparável de Cristo.

O evangelista conclui esta seção situando geograficamente o evento: "Essas coisas aconteceram em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando" (**João 1:28**). Este detalhe geográfico não apenas confere veracidade histórica ao relato, mas também demarca o palco onde o testemunho inicial sobre a identidade de Jesus foi formalmente estabelecido, longe do centro de poder de Jerusalém, mas no coração do movimento popular que preparava o caminho do Senhor.

5. "Eis o Cordeiro de Deus!": A Revelação Central

O clímax do testemunho de João Batista ocorre no dia seguinte, quando ele finalmente revela publicamente a identidade daquele para quem preparava o caminho. O momento é de uma simplicidade poderosa e de uma profundidade teológica imensa. **João 1:29** narra:

"No dia seguinte, vendo que Jesus vinha em sua direção, João disse: — Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!".

Após dias de negações sobre quem ele era, João agora faz a afirmação definitiva sobre quem Jesus é.

O título "Cordeiro de Deus" era carregado de significado para o público judeu. Ele evocava diretamente o sistema sacrificial do Antigo Testamento, em especial o cordeiro pascal, cujo sangue protegera os israelitas da morte no Egito (Êxodo 12), e os cordeiros oferecidos diariamente no Templo para a expiação dos pecados. Ao identificar Jesus dessa forma, João o aponta como o sacrifício definitivo. Aquele que não apenas cobriria os pecados temporariamente, mas os "tiraria" de forma completa e permanente. A expressão "pecado do mundo" amplia o alcance dessa obra redentora para além de Israel, abrangendo toda a humanidade.

João reforça a identidade de Jesus ao conectá-lo com sua própria pregação anterior. Em **João 1:30-31**, ele declara:

"Este é aquele a respeito de quem eu falava, quando disse: 'Depois de mim vem um homem que é mais importante do que eu, porque já existia antes de mim.'

Eu mesmo não o conhecia, mas vim batizando com água a fim de que ele fosse manifestado a Israel."

A frase "porque já existia antes de mim" é uma afirmação clara da preexistência de Cristo. Embora Jesus fosse mais jovem que João e tenha iniciado seu ministério depois, João reconhece sua primazia e sua natureza eterna, ecoando a introdução do próprio evangelho que apresenta Jesus como o Verbo que estava com Deus desde o princípio (João 1:1). João reitera que seu batismo com água tinha um propósito específico: não era um fim em si mesmo, mas o meio divinamente ordenado para "manifestar", ou seja, revelar publicamente, o Messias ao povo de Israel. Sua missão era preparar o palco e, no momento certo, apontar para o protagonista.

6. O Sinal do Céu: O Batismo com o Espírito Santo

Para validar seu testemunho extraordinário, João Batista não se baseia em sua própria autoridade ou percepção, mas em um sinal divino que lhe fora revelado. Ele compartilha a evidência celestial que confirmou a identidade de Jesus de forma inequívoca. Conforme **João 1:32**, ele testemunhou: "— Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele." Este evento, ocorrido durante o batismo de Jesus, foi a confirmação visível de que Aquele que estava sendo batizado era, de fato, o Ungido de Deus.

A imagem da pomba é simbólica, representando a pureza, a paz e a presença suave, porém poderosa, do Espírito Santo. O verbo "pousar" (ou "permanecer", em outras traduções) é crucial. Diferente das manifestações temporárias do Espírito sobre os profetas do Antigo Testamento, a unção sobre Jesus era permanente, indicando uma união plena e contínua entre Ele e o Espírito de Deus.

João explica que este sinal foi o cumprimento de uma instrução divina direta que ele havia recebido. Em **João 1:33**, ele relata:

"Eu não o conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: 'Aquele sobre quem você vir descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo.'"

Aqui, a distinção entre os ministérios é levada a um novo patamar. O batismo de João era com água, um rito de preparação. O ministério de Jesus, no entanto, seria caracterizado pelo batismo "com o Espírito Santo", uma imersão na própria vida e poder de Deus, que traria regeneração interior e capacitação para uma nova vida.

Com base nessa revelação divina e no sinal visível, João conclui seu testemunho com a mais alta declaração cristológica possível. Ele não deixa margem para dúvidas ou ambiguidades. Sua afirmação final em **João 1:34** sela todo o seu propósito: "Pois eu mesmo vi e dou testemunho de que ele é o Filho de Deus." De "a voz que clama no deserto" a "Cordeiro de Deus", o testemunho de João culmina na confissão de que Jesus não é apenas um profeta ou o Messias esperado, mas a própria encarnação da divindade, o Filho unigênito do Pai.

A Casa da Rocha. **#05 - Jesus e a Nova Vida no Espírito - Zé Bruno - Quem é Jesus** . Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/NHznpgefhI8?si=tEOVyaQ8iSlq-2ku>. Acesso em: 12/08/2025.

Documento gerado em 04/02/2026 06:03:32 via BeHOLD